



ENCONTRANDO SOLUÇÕES PARA UM MUNDO EM CRISE



O mundo vive uma profunda crise. Os sistemas terrestres estão à beira do colapso, e a sobrevivência da maioria da população do planeta está ameaçada pela usurpação de recursos, falência dos ecossistemas, guerras e mudanças climáticas. Esta crise multifacetada tem as suas raízes profundas num sistema político-económico-social, que é voltado para o lucro, que promove o consumismo excessivo de alguns e o consumo deficitário de muitos, que, durante séculos, desapropriou os povos das suas terras, água e florestas, e que faz meio da violência para se criar e sustentar. Os custos deste sistema são suportados pelas mulheres camponesas, indígenas e da classe trabalhadora do Sul global. No entanto, é no legado, nas práticas de vida e nas esperanças de "desenvolvimento" destas comunidades, que são a maioria do planeta, onde residem as alternativas das quais o planeta e a humanidade necessitam tão desesperadamente. Os ajustes de políticas e reparos técnicos por parte das organizações de desenvolvimento ao longo das últimas décadas têm, derradeiramente, servido para reforçar o sistema e ajudar a estender a sua longevidade. Este é o momento para acções ambiciosas e soluções corajosas, de genuína solidariedade, e que constituam, finalmente, uma manifestação do amor pela humanidade e pelo nosso belo planeta.

Obrigado pela leitura!

TAMBÉM NESTA
EDIÇÃO:

'Onde Estão as Alternativas para as Mulheres?' Em busca de Alternativas Reais lado a lado com a *Alternative Mining Indaba*

Vozes de Activistas: Juntas Construindo o Empoderamento, a activista Zimbabueana Gladys Mavhusa partilha a sua história

FAZER-SE OUVIR: Mulheres Activistas VS Mina de Tendele

Destaques

'Onde Estão as Alternativas para as Mulheres?'

Em busca de Alternativas Reais lado a lado com a *Alternative Mining Indaba*

“Elas [as chefias da mineração] não perceberam que a nossa luta não era para medir forças ou obter dinheiro das companhias mineradoras”, explica Gladys Mavhusa (Marange, Zimbabue). “Nós queríamos apenas que os nossos direitos fossem respeitados e as nossas vozes ouvidas.”



A oitava anual **Alternative Mining Indaba** (Conferência Alternativa de Mineração) reuniu 470 participantes de 45 países para que, teoricamente, criassem uma plataforma para as comunidades, activistas e actores da sociedade civil discutirem alternativas comunitárias à mineração. O tema da AMI deste ano foi “Fazer com que os Recursos Naturais Sirvam às Pessoas: Domesticação da Visão Africana de Mineração: da visão à realidade”. A **Africana de Mineração (AMV, na sigla em inglês)** foi assinada pelos ministros Africanos responsáveis pelo desenvolvimento dos recursos minerais por todo o continente, bem como o seu respectivo quadro de políticas, **Minerals and Africa's Development** (Desenvolvimento Mineral e de África, 2011). Os dois documentos juntos constituem a “estratégia mais abrangente para a industrialização Africana do século 21” (*The Africa Mining Vision: A Long Overdue Ecofeminist Critique, WoMin*).

O ponto de partida da AMV é o pressuposto que o desenvolvimento de África deve, obrigatoriamente, iniciar com o desenvolvimento dos recursos minerais e da indústria extractiva. Contudo, para muitas comunidades que estão a sofrer os terríveis impactos da mineração e demais indústrias extractivas, este pressuposto deve ser desafiado – pela sobrevivência das comunidades e também do meio ambiente. A tarefa dos participantes da AMI era de debater e questionar a grande promessa e missão da Visão Africana de Mineração: “[sanar] o paradoxo da existência de uma grande riqueza mineral lado a lado com uma pobreza generalizada”.

(A *WoMin* escreveu exaustivamente sobre a Visão Africana de Mineração a partir de uma perspectiva de direitos das mulheres, leia o nosso artigo, **The Africa Mining Vision: A Long Overdue Ecofeminist Critique – A Visão Africana de Mineração: Uma Crítica Ecofeminista Há Muito Necessária**)

Mineração – Ética = Desastre

Durante a sessão de abertura, painelistas e comentadores levantaram questões relacionadas com a sustentabilidade de um caminho de desenvolvimento voltado para os extractivos, a falta de ética e responsabilização das corporações transnacionais e a violência estrutural, física e ecológica das indústrias extractivas, de Marikana a Marange e a Lily Mine.

“Quem vai vigiar os vigias? Podemos ter todas as leis [e políticas] de mineração desenvolvidas pelos melhores de Harvard, será que isso ajudar-nos-á? Não. Podemos implementar as melhores soluções económicas desenvolvidas pelos melhores gurus da economia. Vai ajudar? Não. O que é necessário são virtudes e valores éticos. Mineração sem ética é igual a desastre”.

Indo além das limitações de uma perspectiva da ética relacionada com um sistema económico movido pelo lucro, Nonhle Mbutuma-Forslund, da comunidade de Xolobeni, na África do Sul, apresentou uma solução simples e poderosa para a problemática do desenvolvimento: “[as comunidades] devem ter o direito às [suas] próprias alternativas de desenvolvimento”. Para Mbutuma-Forslund, “o governo está sempre do lado das mineradoras e não do das pessoas. É por isso que enfrentamos tamanha violência e tantas mortes. Todas estas lutas, isto não nos assusta. Estamos prontos a morrer pela [nossa] terra. [Acreditamos que] sem terra não se pode conhecer a si próprio. É por isso que a terra é tão importante em Pondoland. Sabemos quem somos por causa da terra. Temos de ter o direito de dizer que sim ou não”. [A comunidade de Xolobeni tem lutado contra tentativas sucessivas de exploração de titânio nas suas terras, há mais de uma década].

Perspectivas Críticas

Mela Chiponda, da WoMin, apresentou uma perspectiva crítica sobre a Visão Africana de Mineração durante uma sessão do Segundo Dia da AMI. Numa reunião de balanço com a equipa da WoMin após esta apresentação, ela partilhou um episódio que demonstra de forma poderosa a lógica e as limitações da AMV e respectivos proponentes:

“Um indivíduo da UA afirmou ‘Nós não queremos saber o que acontece nas nossas comunidades. Os líderes Africanos reuniram-se e entraram em acordo sobre esta Visão Africana de Mineração. E tal como os líderes Africanos acordaram em relação aos ODS e aos ODM, ninguém pode, numa comunidade, dizer que é contra o que foi acordado.’ ... E eu disse-lhe: ‘O que aconteceu na Conferência de Berlim em 1884 é o mesmo que vocês fizeram em Addis, assumindo que o desenvolvimento decidido por vocês é aquele que as mulheres Africanas querem. Como mulheres rurais de África, nós nada temos a ver com a AMV... Onde estão as “alternativas” quando as mulheres estão a sofrer com a injustiça e pobreza energética” – Mela Chiponda, WoMin

Onde estão as alternativas para as mulheres?

Para a WoMin e para muitos dos nossos aliados, a AMI oferece uma importante plataforma de convergência, dentro e em torno da qual podem ser organizados espaços de diálogo e discussão sobre alternativas a um modelo de desenvolvimento destrutivo orientado pelos extractivos. É neste espírito que os activistas comunitários, apoiados pela WoMin e aliados, realizaram uma série de discussões e eventos públicos.

Na terça-feira, 7 de Fevereiro, o **Diálogo Público sobre a Violência contra as Mulheres no Sector Extractivo** (*Public Dialogue on Violence against Women in Extractives*) atraiu cerca de 100 pessoas que ouviram cinco mulheres activistas do Zimbabwe e da África do Sul partilharem as suas experiências em primeira mão, e analisou a violência de género nas comunidades afectadas pelas indústrias extractivas, da mineração à agricultura comercial. Esta sessão, organizada pela Rural Women’s Assembly (Assembleia das Mulheres Rurais), Chiadzwa Community Development Trust (Fundo de Desenvolvimento da Comunidade de Chiadzwa), Masifundise Development Trust (Fundo de Desenvolvimento de Masifundise), Mawubuye Land Rights Forum (Fórum Mawubuye



de Direitos sobre a Terra) e WoMin, providenciou um espaço radical de conversa sobre a natureza profundamente violenta do extractivismo. As mulheres falaram sobre os diferentes níveis de violência com que as mulheres se confrontam diariamente, da família ao local de trabalho e à sociedade no geral. A poluição do ar e da água provocadas pelas actividades de mineração e de produção de energia, e pelos perigosos pesticidas da agricultura industrial, resultam em doenças respiratórias e outras que afligem as mulheres e as suas famílias. As mulheres percebem isto como uma forma de violência. A usurpação de terra e água, que forçam as mulheres a despender até cinco horas por dia em busca de água limpa, são também formas de violência. As mulheres destacaram também a intimidação e o assédio que as mulheres activistas enfrentam ao defenderem os seus direitos, por parte da polícia e outros membros da comunidade.

“Temos de retomar o sistema porque de forma alguma os trabalhadores agrícolas ou as comunidades mineiras serão livres... enquanto continuar a existir esta estrutura feudal.” – Samantha Hargreaves, WoMin

A aliada da WoMin, Women from Mining Affected Communities United in Action (WAMUA – Mulheres de Comunidades Afectadas pela Mineração Unidas em Acção), organizou um piquete de mulheres da AMI, um momento poderoso no qual as mulheres levantaram-se e manifestaram-se contra o poder corporativo e o seu impacto nos corpos, meios de subsistência e vidas das mulheres Africanas. As suas acções receberam **ampla cobertura** nos **meios de comunicação tradicionais** e sociais. Eventos públicos como o “Marange a Marikana” e a Campanha para Acabar com a Impunidade Corporativa permitiram debates críticos e estratégia colectiva.

No futuro, a WoMin continuará a trabalhar em conjunto com os seus aliados para aprofundar e ampliar a conversa em torno das alternativas e da construção de modelos de desenvolvimento pós-extractivistas e ecofeministas que sejam liderados pelas mulheres e suas comunidades.

Vozes de Activistas, Juntas Construindo o Empoderamento, Gladys Mavhusa

“...Quero um mundo onde as mulheres tenham poder,” says Gladys Mavhusa. “E eu acredito que devemos construir esse empoderamento em conjunto, para que cada mulher possa defender-se a si mesma e a outros.” Activista da comunidade de Chiadzwa, terra dos campos de diamantes de Marange no Zimbabwe, Gladys trabalhou com a sua organização – CCDT – Chiadzwa Community Development Trust (Fundo de Desenvolvimento da Comunidade de Chiadzwa) – para lutar pela justiça e pelo empoderamento, segurança e protecção das mulheres, desde que as actividades de mineração começaram na área em torno de 2006.



Falando no *Diálogo Público sobre a Violência Contra as Mulheres no Sector Extractivo* – convocado na terça-feira, 7 de Fevereiro, pela WoMin, CCDT e outros aliados¹ na Alternative Mining Indaba (Conferência Alternativa de Mineração) – Gladys contou a sua história como uma mulher que testemunhou a vida antes e depois da corrida aos minérios de Marange. Compartilhou os impactos das actividades de mineração na sua comunidade, e especialmente sobre as mulheres que tão frequentemente carregam o fardo das indústrias extractivas, bem como o modo como ela e a sua comunidade estão a organizar-se face a grandes desafios. Em suas palavras²:

“Eles tiraram-nos as florestas onde fazíamos nossos rituais...”

Eu quero que entendam a minha história, por isso vou contá-la na minha língua. Nasci em Chiadzwa. Enquanto criança, a minha vida era muito boa, vivia uma vida relativamente livre. Nasci numa família que era rica, e casei com uma família rica também, porque éramos agricultores. Tínhamos gado, cabras, galinhas, tudo... O problema veio quando os diamantes foram descobertos. A primeira coisa que nos disseram foi que não éramos mais livres de nos mover. A terra em que vivêramos toda a nossa vida, os campos em que cultivávamos e dos quais dependíamos - tudo nos foi tirado. As florestas, onde costumávamos adorar os nossos deuses e rogar-lhes por chuva, foram tomadas. As nossas sepulturas ancestrais, as sepulturas de nossos chefes – lugares sagrados que todos valorizávamos quando crianças – foram tomadas pelas minas.

1 Aliados que convocaram o Diálogo Público: Rural Women's Assembly (Assembleia das Mulheres Rurais), Masifundise Development Trust (Fundo de Desenvolvimento de Masifundise), e o Mawubuye Land Rights Forum (Fórum Mawubuye de Direitos sobre a Terra).

2 Este testemunho foi gravado e impresso com a permissão total de Gladys Mavhusa.

3 A maioria do testemunho e da entrevista foram prestados em Shona e cuidadosamente traduzidos por Mela Chiponda e Maggie Mapondera.

Nós tínhamos árvores, cuja casca e canas costumávamos usar para tecer cestas - acho que qualquer pessoa na África Austral conhece as cestas e esteiras que costumavam vir do Zimbabwe, já fomos famosos por isso. Costumávamos ganhar a vida trançando essas cestas, mas depois da chegada das minas não pudemos mais fazê-lo. Costumávamos secar legumes e vendê-los. Isso não foi mais possível depois do início da mineração.

“Foi e é bastante doloroso para nós...”

Tiraram-nos de nossas terras e privaram-nos da nossa liberdade de movimento. Quando a nossa terra se tornou uma área restrita, passou a haver uma cancela para entrar na nossa localidade. Esse passou a ser o lugar onde os transportes públicos paravam e os “oficiais” realizavam revistas. Às mulheres eram revistadas as bocas, os ouvidos, todos os lugares incluindo partes privadas. Às vezes, esses oficiais não trocavam as suas luvas, usando as mesmas em muitas mulheres, chegando ao ponto de algumas de nós começarem a desenvolver infecções. As mulheres começaram a ter problemas com os seus sistemas reprodutivos, fibróides e outros crescimentos. Procurar tratamento médico... não era possível porque já não produzíamos, como tal, não tínhamos dinheiro.

Durante este período, muitas mulheres foram **violadas e sofreram outras formas de violência sexual**. Para sobreviver, muitas raparigas e mulheres começaram a prostituir-se. Foi e é muito doloroso para nós. Tentámos engajar os chefes da mineração de diamantes, mas a sua empresa é responsável por grande parte dessa violência, directa e indirectamente. Agora, na nossa área, temos uma empresa a operar em Marange, a **ZCDC – Zimbabwe Consolidated Diamond Company** (Companhia de Diamantes Consolidada do Zimbabwe), uma fusão de interesses governamentais e corporativos apoiados por forças militares e de segurança. Assim, na verdade, há soldados e mineiros “artesanaís” a trabalhar com a polícia em Marange.

Estes mineiros “artesanaís” também estão a fazer um monte de actividades de contrabando, roubo e colocando em risco as nossas vidas de outras maneiras. Muitos deles vêm abrigar-se em nossas casas, mesmo apesar de termos pouco espaço. Como mulheres, não podemos fazer o nosso trabalho diário de colecta de lenha ou água porque temos medo. Se sair para fazer este trabalho e voltar viva, deve agradecer a Deus. Se for violada, é mesmo um alívio, porque pelo menos eles não a mataram. Mesmo enquanto estou aqui falando convosco, um dos meus vizinhos foi baleado, deixando para trás a sua esposa e três filhos. Dizem-nos que só os soldados têm armas. Mas se só os soldados têm armas, quem atirou nesse homem?

Para que possam entender claramente, os mineiros “artesanaís” de quem falo não são trabalhadores; eles são ladrões que estão lá para roubar. Eles não são locais, são homens que vieram de diferentes lugares ao redor do país e vêm a Marange para formar sindicatos com as forças de segurança. Se um soldado vem de Shurugwi (uma cidade de outra província do Zimbabwe), essa pessoa então diz a seus parentes que venham trabalhar em Chiadzwa para cavar diamantes. Esses mineiros “artesanaís” não nos ajudam de nenhuma maneira; nós queremos-los fora de Chiadzwa. A situação piora a cada dia, agora há muitos deles, mais de mil.

Os líderes tradicionais não nos ajudam muito – se lhes dissermos que não queremos este afluxo de pessoas na área, eles não podem agir contra os mineiros artesanaís que podem vir dormir à sua casa e desaparecer na manhã seguinte. Pedir ajuda ao governo ou aos soldados é difícil porque eles “estão na cama” com a empresa.

As mulheres estão a enfrentar problemas que vêm de todas as direcções

As mulheres estão a enfrentar problemas que vêm de todas as direcções. Se os nossos maridos vêm que fomos violadas, culpam-nos e dizem que fizemos por merecer. Se as nossas filhas são violadas ou se

dedicam ao trabalho sexual, os homens acusam-nos de novo e dizem: “É sua filha”. Esta situação trouxe tantos conflitos às nossas famílias e às nossas comunidades. Os nossos maridos não entendem que é impossível para nós cuidarmos das nossas famílias e lidarmos com todos estes problemas ao mesmo tempo; eles dizem que somos preguiçosas. Nós não podemos mais tecer as nossas cestas e esteiras porque os embondeiros e outras árvores já não existem. Não podemos cultivar vegetais ou colheitas, porque não temos terra. As mulheres estão a enfrentar os maiores desafios, porque agora não sabemos como devemos mesmo sobreviver e viver.

As mulheres a construir estratégias e soluções juntas...

O **Fundo de Desenvolvimento da Comunidade de Chiadzwa** começou com mulheres que se queriam organizar. Percebemos que eles [empresas de mineração e mineiros artesanais] estavam a violar os nossos direitos e a roubar a nossa terra, então começamos a organizar-nos. Primeiro, começamos por organizar-nos recusando ser realocados – dissemos ao nosso deputado local



que não iríamos respeitar esse reassentamento. Enfrentamos algumas reacções precoces a essa organização – intimidações e ameaças de “oficiais” locais, e o facto é que a nossa situação de vida era muito dolorosa, e por isso, alguns dos membros do nosso grupo escolheram ser reassentados. Pouco depois, alguns dos que se mudaram perderam as suas casas à mesma.

Na CCDT, estamos a trabalhar para apoiar as mulheres deixadas para trás, muitas dessas mulheres perderam os seus maridos por assassinato ou desaparecimento. Nos casos em que é possível apoiamos com litígios, caso contrário, trabalhamos juntos para encontrar meios práticos para apoiar as viúvas e suas famílias. Em parceria com o **CSU – Counselling Services Unit** (Unidade de Serviços de Aconselhamento) e a **ZLHR – Zimbabwe Lawyers for Human Rights** (Advogados para os Direitos Humanos do Zimbabwe), também ajudamos as mulheres afectadas a ter acesso a serviços de aconselhamento e traumatologia e a assistência jurídica. É importante que as mulheres conheçam os seus direitos – económicos, sociais e culturais – como tal, fazemos capacitações comunitárias com mulheres. No centro da nossa estratégia está a consciencialização, para que a nossa comunidade possa assumir a liderança na busca de soluções.

Se eu pudesse sonhar com um futuro, diria que quero um mundo onde as mulheres tenham poder, e acredito que devemos construir esse empoderamento juntos para que cada mulher se possa defender a si e a outros. Quero um futuro onde as mulheres e a minha comunidade possam se mover livremente sem medo, possam ter os empregos que precisam e cuidar de si mesmos e de suas famílias. Estamos a trabalhar em circunstâncias muito difíceis, mas estamos determinados a continuar a lutar!

FAZER-SE OUVIR: Mulheres Activistas VS Mina de Tendele

“Conseguem ver a poeira que nós bebemos? Bebemos esta água porque somos pobres. O que havemos nós de fazer? Imaginem como estamos por dentro. Nada de bom vem da mina. Vivemos uma vida difícil. Não há nada que eu vos possa dizer que a mina tenha feito e que nos tenha beneficiado.”
Khiphile Msweli, Somkhele KwaZulu-Natal, África do Sul, no Tribunal dos Povos sobre o Poder Corporativo, Suazilândia, Agosto de 2016

Mulheres activistas de Somkhele, uma região no norte de KwaZulu-Natal afectada por uma mina de carvão a céu aberto, lutam há mais de cinco anos para fazer com que as suas vozes sejam ouvidas e os seus direitos à água, terra, meios de subsistência e vida respeitados. Desprezados como sendo “desordeiros” devido à sua resistência às actividades mineiras, estes activistas, incluindo mulheres, têm buscado repetidamente chamar a atenção da mina de Tendele por meio de cartas, petições e marchas, mas ainda não receberam resposta nem compensação adequadas.

De acordo com a Pesquisa-Acção Participativa (PAR, na sigla em inglês) realizada por mulheres activistas em Somkhele e na região vizinha de Fuleni, o funcionamento da mina de Tendele teve impactos extremamente negativos nas comunidades adjacentes. Estes impactos são extensos, e incluem usurpação de terra e água; infecções na pele, olhos, pulmões e órgãos reprodutores causadas pela poeira do carvão e poluição da água; explosões da mina que provocam rachaduras nas casas; graves profanações; e conflitos comunitários. As mulheres suportam o fardo mais pesado de muitos destes impactos devido aos seus papéis de cuidadoras e produtoras de subsistência.

As mulheres estão prontas, também, a responsabilizar o governo pela sua inacção. A mina de Tendele operou durante sete anos sem uma licença de água adequada, consumindo grandes quantidades de água numa região afectada por secas, sem qualquer intervenção do governo. Além do mais, as autoridades municipais estão cientes da corrupção no fornecimento emergencial de água, mas negaram-se a ouvir as queixas das comunidades ou a realizar as necessárias acções correctivas. Repetidamente, a mineradora fracassou em cumprir com as suas responsabilidades e respeitar a lei. Contudo, Tendele não actua sozinha – o estado também fracassou em proteger e salvaguardar os seus cidadãos.

A partir da PAR e de uma assembleia de mulheres sobre a água que teve lugar na região norte de KwaZulu-Natal em Agosto de 2016, a WoMin e seus aliados publicaram um artigo na Revista Amandla (Setembro de 2016) sobre as experiências e lutas das mulheres em Somkhele e Fuleni. Isto provocou uma resposta por escrito detalhada por parte da Tendele, que foi, por sua vez, respondida pela WoMin e seus aliados. A Revista Amandla veiculou esta resposta na sua edição de Dezembro. A WoMin está a partilhar este importante registo escrito que expõe a Tendele Coal pelas suas mentiras, desrespeito pelas leis e negligência generalizada pelos habitantes de Somkhele e Fuleni. Todas as contribuições das nossas organizações aliadas e das nossas irmãs de Somkhele e Fuleni são plenamente reconhecidas. **[Acesse todos os documentos no site da WoMin \(http://tinyurl.com/acttendele\)](http://tinyurl.com/acttendele)**.

Esta interacção pública é um exemplo poderoso do que as mulheres activistas comunitárias podem fazer por meio de uma advocacia permanente, consciencialização e trabalho de construção do

movimento em solidariedade com aliados políticos, como a WoMin. No momento em que escrevemos isto, a Tendele Coal está a expandir as suas operações para explorar Siyembeni, no limite da região selvagem de iMfolozi, o que irá colocar esta antiga região selvagem e a maior concentração de rinocerontes brancos em África em enorme risco, bem como desapropriar outras 240 famílias das suas terras e meios de subsistência. Esta expansão está a acontecer sem um procedimento adequado, sem a devida consulta às comunidades afectadas, e ignorando uma quantidade significativa de membros comunitários que se opõem à mineração. A luta continua e as mulheres continuarão a desempenhar um papel de liderança na resistência. A 28 de Março, mulheres de Somkhele e Fuleni realizaram uma acção direccionada ao conselho municipal de Mtubatuba para exigir responsabilização e acções relacionadas com a corrupção da água. No mesmo dia, lançaram a sua emocionante e poderosa pesquisa-acção participativa intitulada “Uma vida que já não vale a pena ser vivida”. Disponível para download em womin.org.za!

Uma vida que já não vale a pena ser vivida





REGIONAL | #Consent4Communities Em Dezembro de 2016, a WoMin organizou uma mesa redonda com mais de 35 activistas comunitários, profissionais e teóricos, em Nairobi, no Quênia, para debater ideias e estratégia relacionadas com o consentimento. No futuro, a WoMin trabalhará com os seus aliados para desenvolver este trabalho em torno de **três temas** centrais: questionar-se sobre formas de utilizar as leis consuetudinárias de forma estratégica para promover os direitos das mulheres na tomada de decisões/consentimento; trabalhar em conjunto para fortalecer os direitos das mulheres sobre a terra e em sistemas comuns de propriedade para reforçar a sua voz na tomada de decisões; e desenvolver estratégias para fortalecer o consentimento em oposição à “consulta”. Leia mais sobre o nosso trabalho relacionado com o consentimento aqui: <http://tinyurl.com/wominconsent>.

NIGÉRIA | #Women4CleanUp A 17 de Dezembro de 2016, centenas de mulheres de todas as regiões do Delta do Níger mobilizaram-se para levantar as suas vozes contra a poluição que está a destruir as suas terras, meios de subsistência e comunidades. O Kebetkache Women Development and Resource Centre (Centro de Recursos e Desenvolvimento de Mulheres Kebetkache) apoiou uma acção liderada por mulheres locais que exigiam que o seu governo limpasse os derramamentos de petróleo, acabasse com as queimas de gás e fornecesse serviços básicos, como água, para melhorar as condições de vida. Leia a sua poderosa declaração e exigências aqui: <http://tinyurl.com/women4cleanup>.

ÁFRICA DO SUL | Women Walk for Climate Justice (Marcha das Mulheres por Justiça Climática) Muitas mulheres activistas foram para as ruas de Sasolburg para protestar contra as energias sujas e denunciar os efeitos devastadores da mineração e das mudanças climáticas no Limpopo, KwaZulu-Natal, Mpumalanga e Gauteng. Leia mais sobre as acções das mulheres em torno da questão da água na África do Sul: <http://tinyurl.com/waterassembly>.

“Estamos a construir um movimento a partir da base, ninguém conhece o nosso sofrimento. A nossa harmonia, a nossa paz e a nossa dignidade foram perturbadas. Antes das mineradoras, não nos preocupávamos em comprar água. As elites tornaram-nos pobres, e estamos a fazer esta marcha para criar consciência e mostrar a força das mulheres que estão a desafiar a mineração e esta forma de desenvolvimento sujo, não seguro e insustentável.” – Caroline Ntaopane, WoMin

